

ENSINO SUPERIOR

REVISTA DO SNESUP

Reorganização do ensino superior e financiamento



A rede de ensino superior em Portugal
pág. 8

Reorganização da rede de ensino superior
pág. 16

Atividade profissional dos docentes no politécnico
pág. 32



PAULO PEIXOTO

PAULO.PEIXOTO@SNESUP.PT

Tudo o que vem à rede é peixe

Jean Monnet, o maior estratega da unidade europeia, repetia muitas vezes que as pessoas só são capazes de ver a necessidade em tempos de crise ... quando nada ou pouco podem fazer. A questão da reorganização da rede do ensino superior, discutida ao longo de anos, que muito prometeu e que pouco trouxe, é um desses fenómenos que, no ensino superior português, revela o carácter confrangedor do ímpeto reformista.

Desde logo porque a rede de ensino superior nunca foi uma rede. Nunca foi pensada como tal, não cresceu como tal e jamais, em momento algum, se estruturou como tal. Querer fazer, em tempos de crise, uma rede, partindo de um conjunto disforme de instituições, tem tanto de quimérico quanto de oportunismo exasperado, com desespero à mistura.

No momento atual, a reorganização da rede parece ter funcionado, no contexto do protetorado estabelecido pela troika, como condicionante ideológica e legitimadora da política de cortes e de austeridade orçamental. A lança de uma reorganização forçada e presumivelmente anacrónica obrigou a algumas iniciativas por parte das instituições e criou um clima de resignação às medidas de austeridade. Criado o alarido, “despachada” a troika,

Querer fazer, em tempos de crise, uma rede, partindo de um conjunto disforme de instituições, tem tanto de quimérico quanto de oportunismo exasperado, com desespero à mistura.

tudo continua exatamente na mesma. Este número da *Ensino Superior – Revista do SNESup* é dedicado à rede de ensino superior português. Conceição Rego reflete sobre a rede de ensino superior em Portugal, mostrando que ela é um fator de coesão territorial, cuja reorganização deve ser colocada muito antes da necessidade de poupanças orçamentais. Sendo que, como discute Gonçalo Leite Velho na coluna “Opinião” essa reorganização também não pode ser pautada pela ideia que temos ensino superior a mais em Portugal. Joaquim Sande Silva e Paulo Peixoto apresentam os resultados de um estudo levado a cabo pelo SNESup para auscultar a opinião dos docentes do ensino superior português em relação à reorganização da rede. Destacamos ainda, para lá do habitual folhetim “Relatos do Bule ou Jacarandás no Inferno”, o artigo de Ana Patrícia Dias sobre a atividade profissional dos docentes do ensino superior politécnico, onde se discute particularmente as contingências das tarefas de investigação destes docentes.

P.S. Deixo expresso neste editorial o sentido pesar pelo falecimento de Mário Leston Bandeira, que conheci nos anos 90, no contexto da Comissão Inter-escolas de docentes e investigadores, processo que levou à minha inscrição no SNESup e que me permitiu conhecer condutas sindicais e profissionais que tiveram uma influência notória na minha trajetória. ●



GONÇALO LEITE VELHO
INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR

Reorganização superior

Num artigo recente, no *The Guardian*¹, uma jornalista e ativista, que trabalhou durante vários anos no programa "Aimhigher" (cujo objetivo era encorajar jovens talentosos e provenientes de meios desfavorecidos a frequentar o ensino superior) fazia o seu *mea culpa*, afirmando que tinha alimentado um logro. Este estranho assumir de culpa, num órgão de comunicação social de grande dimensão, assumia algo estranho, tendo em conta que questão envolvia um objetivo altruísta. Para o mais desatento, podia entrever-se no texto da ativista inglesa pontos em comum com uma crónica de Vasco Pulido Valente, no jornal Público², em que o português exasperava pelo número de sociólogos existentes no país, desenvolvendo o habitual raciocínio "temos licenciados a mais, em áreas supérfluas", etc. Esta estranha comunhão, faz pensar, se não será possível que tenhamos chegado a um ponto tal de estrangulamento, em que setores políticos diversos e gerações diferentes, tenham concluído em comum, numa posição contra o "discurso da universidade".

Estes textos surgem a par de outros que alimentam a necessidade de "reorganizar" a rede de ensino superior, dando a impressão de um excesso. A questão está em perceber o que aconteceu à "universidade" para que se tenha chegado até aqui, ou seja, de resgatadora, promotora de mobilidade social e de matéria de crescimento, a vilã,

fonte de sonhos vãos, que destrói vidas e talentos.

Numa obra recente³, o filósofo esloveno Slavoj Žižek chamava a atenção para três questões, ligadas ao capitalismo contemporâneo: a mudança, no longo-prazo, do lucro para a renda (rendas provenientes da privatização do "conhecimento comum" e dos recursos naturais); o papel estruturalmente mais forte do desemprego (e a consequente transformação da visão de "exploração" de longo-prazo, para outra, em que o emprego estável é o último reduto de um "privilégio", que agora se perde); e a ascensão de uma nova classe, a que Jean-Claude Milner designa como "burguesia assalariada".

Estes três eixos encontram-se ligados, dado que o aumento da produtividade através do crescimento exponencial do conhecimento comum (com efeito multiplicador a custos cada vez mais reduzidos) tem vindo a mudar o papel do desemprego, sendo que, nele ingressa a dita "burguesia assalariada", que passa, cada vez mais, a excesso.

Os efeitos deste quadro foram particularmente visíveis nas manifestações em massa que eclodiram durante os anos de 2011 e 2012, formadas não apenas pelo tradicional proletariado, mas cada vez mais preenchida pelos jovens afetados por altos níveis de desemprego, a quem foi negada a possibilidade de fazer parte do sonho do "capitalismo criativo", bem como os demais elementos da referida "burguesia

assalariada", muitos dos quais (em particular os ligados ao Estado) entretanto apresentados como os novos judeus (os que gozam os privilégios retirando assim os recursos do Outro).

A crescente desigualdade, que caracteriza o contemporâneo, polariza entre extremos (super-assalariados de topo vs crescente proletarianização dos demais)⁴. Há medida que a economia virtual ganha espaço e se passa do material para o simbólico, podemos observar as falhas na esperança emancipatória que Hardt e Negri⁵ colocavam no "trabalho imaterial"⁶. Este "trabalho imaterial" alimenta hoje um sistema que vai conseguindo privatizar o "conhecimento comum", através de fórmulas sofisticadas e envolventes (das quais as redes sociais são um exemplo⁷), ao mesmo tempo que os demais se vão tornando supérfluos e são integrados com remunerações cada vez mais baixas, dada a desvalorização da "mais-valia salarial". Surgem assim múltiplos focos de descontentamento, em que a única vazão é a possibilidade de integração nos amplos fluxos migratórios de escala global. Daí o conselho comum aos jovens desempregados da maior parte dos países europeus em crise (da Letónia a Portugal) para que emigrem. Pelo meio, resistem algumas bolsas de captação destes elementos, em particular em dois pólos do contemporâneo: o domínio do conhecimento comum e o domínio das matérias-primas.

¹ Laurie Penny, "Sorry students, I lied to you. University is about desperation, not aspiration" *The Guardian* 21/4/2014

² Vasco Pulido Valente, "Um erro e uma vergonha" Público 19/4/2014

³ Žižek, S. (2012) *The Year of Dreaming Dangerously*. London: Verso

⁴ Em relação a esta desigualdade crescente, é importante cotejar com a obra de Piketty, Thomas em particular (2013) *Le capital au XXI^e siècle*. Paris: Seuil.

⁵ Hardt, Michael e Negri, Antonio (2004) *Império*. Lisboa: Livros do Brasil; idem (2005) *Multidão*. Lisboa: Campo das Letras

⁶ Para uma melhor compreensão do conceito de "trabalho imaterial", recomenda-se a consulta dos textos publicados na coletânea: Lazzarato, M., e Negri, A. (2001). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. DP&A.

⁷ Sobre o modo como as redes sociais demonstram o problema contemporâneo da relação entre trabalho e remuneração, convém referir o trabalho de Tiziana Terranova (2000). "Free labor: Producing culture for the digital economy". *Social text*, 18(2), 33-58.

Ora, é fundamental compreender estas matérias de nível global, para desenvolver qualquer ideia de reorganização do ensino superior a nível nacional. Elas são também fundamentais para compreender o que está a acontecer com os nossos licenciados, mestres e doutores. Contudo, a tentação de fazer depender o ensino superior da fluidez destas trocas, e dos seus "mercados", pode conduzir a mais problemas, sobretudo, tendo em conta, não só os próprios desequilíbrios do sistema económico (basta atentar ao progressivo estrangulamento da referida "burguesia assalariada"), como aos próprios desequilíbrios académicos de uma almejada "super-liga-Ivy" global.

Pelo meio, podemos vir a perder os benefícios de 40 anos de investimento na democratização da educação em Portugal, isto porque, uma população mais educada é, obviamente, mais benéfica para o país, sendo que o conceito de educação é mais abrangente do que a etiqueta, ou a educação direta para o exercício de uma profissão.

Num tempo caracterizado pela fluidez da evolução do percurso profissional (de que muitos fazem a apologia), é aliás estranho que se preconizem e se avancem com ofertas, que estariam mais de acordo com largos processos de industrialização (como foram os do pós-guerra). Perante sociedades pós-industriais, era fundamental que reorganizássemos a rede de ensino superior com uma estratégia do que é hoje o saber, e do que pode vir a ser a nossa economia, e não apenas pela ambição globalizante de uma, duas, ou três instituições, e em que, como moeda de troca, tenta-se reorientar os politécnicos para uma sociedade de há 40 anos atrás. Tratar-se-ia de uma estratégia de educação como pilar do conhecimento no século XXI. Aí poderíamos, por exemplo, levar mais longe as possibilidades das universidades de contexto⁸. Esta sim poderia ser a direção de uma população, verdadeiramente mais qualificada (e não apenas para efeitos estatísticos, ou para sua inclusão num processo de proletarização em curso). Tal implica uma estratégia. A falta desta é sintoma claro do problema presente. ●

⁸ A esse propósito merece uma leitura a publicação da OCDE (que tem vindo a ser actualizada com mais estudos todos os anos): Organisation for Economic Co-operation and Development. (2007). Higher education and regions: *Globally competitive, locally engaged*. Organisation for Economic Co-operation and Development.

FICHA TÉCNICA:

Propriedade da Revista
SNESup

Sede Nacional
Av. 5 de Outubro, 104, 4.º
1050-060 LISBOA
Telefone: 217 995 660
Fax : 217 995 661
E-Mail: snesup@snesup.pt
Site: www.snesup.pt

Outras Sedes do SNESup
Pr. Mouzinho Albuquerque, 60 - 1.º
(Rotunda da Boavista)
4100-357 PORTO
Telefone: 22 543 05 42
Fax: 225 430 543
E-Mail: snesup.porto@snesup.pt

Estrada da Beira, 503, R/C, A
3030-173 COIMBRA
Telefone: 239 781 920
Fax: 239 781 921
E-Mail: snesup.coimbra@snesup.pt

Abr/Mai/Jun
Periodicidade Trimestral

Administração
Av. 5 de Outubro, nº 104, 4.º
1050-060 LISBOA
Telefone: 217 995 660
Fax : 217 995 661
E-Mail: snesup@snesup.pt

Diretor
Paulo Peixoto

Diretoras-adjuntas
Catarina Fernando
Teresa Nascimento

Conselho Editorial
Álvaro Borralho
Catarina Fernando
Gonçalo Velho
João Leitão
Paulo Ferreira da Cunha
Teresa Nascimento

Produção, Edição e Publicidade
Terra das Ideias
Rua Fernando Oliveira, 8
2130 - 999 Benavente
Telefone: 263 589 307
Fax: 263 589 309
E-Mail: apoioaocliente@terradasideias.com
www.terradasideias.com

Conceção gráfica, paginação e pré-impressão
Terra das Ideias
www.terradasideias.com

Impressão e Acabamento
Jorge Fernandes, Artes Gráficas
Quinta Conde Mascarenhas Lote 9,
Vale Fetal 2820-652 Charneca Caparica
Tel: 212 548 320 Fax: 212 548 329

Registado na Entidade Reguladora para a Comunicação Social com o número:
125898

Tiragem
5.000 Exemplares

Depósito Legal
180504/02

ISSN 2183-2110

Preço: 5 Euros

Assinatura de 5 Números: 25 Euros

Créditos Fotográficos
Thinkstockphoto, Arquivo da Revista



Reorganização do ensino superior e financiamento

- >4 **Opinião**
Reorganização do ensino superior em tempos de crise
- >6 **Breves**
- >8 **Organização do Ensino**
A Rede de Ensino Superior em Portugal: contributos para a reflexão
Reorganização da rede de Ensino Superior e financiamento
- >32 **Carreiras**
A Atividade Profissional dos Docentes dos Institutos Superiores Politécnicos Portugueses
- >40 **Temas atuais**
Relatos de um bule de chá ou Jacarandás no Inferno
- >46 **Navegando na Internet**
Educação e Formação: Apoiando a educação e a formação na Europa e além fronteiras